



**Universidade Federal de Pelotas
Centro de Artes
Curso de Dança-Licenciatura**

Geovana da Silva Carvalho

Meus olhares ao grotesco em cenas do espetáculo *Violência* do grupo Cena 11

Artigo para fins de trabalho de conclusão de curso orientado pelo professor Jeferson de Oliveira Cabral.

Pelotas, novembro de 2019.

Resumo

Escrevo sobre como a ideia de grotesco entra na criação do grupo de dança Cena 11. Para isso, li textos teóricos de pesquisadores do grupo e também da ideia de grotesco. Na metodologia, vi vídeos e analisei o que o espetáculo *Violência* do grupo mostra de grotesco em suas cenas. Minha hipótese é que o Cena 11 busca um olhar raro à cena dentro do campo da Dança, que refere-se a ideia de que todo corpo pode dançar, desde que esteja consciente que terá de abrir mão, durante o tempo de cada espetáculo em cartaz, da ideia de beleza, de uma concepção cênica tradicional, que se traduz em roupas limpas, higiene em cena e postura “adequada” do corpo.

Palavras-chave: Dança Contemporânea. Grotesco. Cena 11.

Abstract

I write about how the idea of grotesque appears in the creation of the dance group Cena 11. To this end, I read theoretical texts about this dance company and researchers about the idea of grotesque. In methodology, I watched videos and analysed *Violence*, a Cena 11 play's, to understand how the group uses the idea of grotesque on the stage. My hypothesis is that Cena 11 explores a rare look at the scene within the field of dance, which refers to the idea that everybody can dance as long as each dancer is aware that they will have to give up during the time of each performance the idea of beauty, of a traditional scenic conception, which translates into clean clothes, hygiene on the scene and a “proper” body posture.

Keywords: Contemporary Dance. Grotesque. Cena 11.

1. Meu memorial: a dança que me atravessa

A dança entra em minha vida no momento que mais precisava emagrecer. A dança é para mim uma forma de expressar a minha vida, que era pouco social. Dedicava-me somente a duas coisas: meu tratamento no Centro de Atenção Psicossocial (CPAS) da cidade de Pelotas e a escola, na qual estudei jardim de infância, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Eu não sabia onde encontrar uma escola de dança para me aperfeiçoar em algum gênero dessa arte. Por isso, decidi entrar na Licenciatura em Dança na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Desejava, nesse lugar, criar composições coreográficas, desafiando-me a começar uma vida saudável, que queria ter.

Estar no curso depois de muito tempo em tratamento num Centro de Atenção Psicossocial é um presente para mim e aos que souberam lidar com

tantas diferenças em relação à minha deficiência. Acabar o curso mostra que pessoas como eu também conseguem.

Eu me vejo como uma aluna que frequenta as aulas, que pensou em desistir, mas com o apoio dos meus pais e alunos do curso seguiu em frente. Os tutores também me ensinaram e apoiaram.

Assim, no primeiro semestre da Licenciatura em Dança, encontrei pessoas que tinham conhecimento superior ao meu. Visitei muitos locais e destaco Zimra, uma escola informal de dança na cidade de Pelotas, onde vi como acontece uma aula de dança informal, que eram dadas pela colega Mariana Rockenback.

Tive meu primeiro contato com o balé, que até então, imaginava ser uma dança para pessoas com dedicação exclusiva a isso, com rotinas e alimentação que eu não seguia até o momento. Ainda, aprendi a diferença entre resenha e resumo, na cadeira de produção textual e leitura, exercícios que utilizei para escrever sobre dança, utilizando os pensamentos de pesquisadoras do campo da dança, tais como Marcia Strazzacappa, Ana Mae Barbosa, bem como o pedagogo Paulo Freire.

No segundo semestre, meu desempenho foi vergonhoso. Isso porque decidi cursar todas as disciplinas da grade, pois acreditei que somente assim avançaria no curso. Foi um equívoco e repeti o semestre. No mesmo período, enfrentamos a primeira greve da UFPel e as aulas foram suspensas.



Manifestação na rua contra o governo Temer: Fonte: arquivo pessoal

No terceiro semestre, conheci amigos de verdade no curso, como Janaina Bruna dos Santos, Larissa Martins, Jessica Oliveira de Carvalho, que já estão formadas. Comecei a frequentar o Restaurante Universitário com essas amigadas. O que considero um convívio importante. Infelizmente, repeti a disciplina Pedagogia da Dança II. No final desse semestre, comecei a assistir espetáculos de dança do grupo Ambanbaé.

No quarto semestre, conheci os ensinamentos do professor Ney Bruck, na disciplina fundamentos psicológicos, que eram sobre behaviorismo e conceitos dos psicológicos piagetianos. Aprofundei-me nos escritos de Piaget, por meio de trabalhos com alguns colegas do curso de Música. Conheci os trabalhos de artistas contemporâneos e criei uma composição para a disciplina Laboratórios de Danças Contemporâneas. Nesse lugar, realizei um vídeo dança com partículas da dança do ventre misturadas a passos contemporâneos, que coloquei o nome de Beduína. Apresentei duas vezes em eventos do curso.



Reapresentação da coreografia Beduína. Fonte: arquivo pessoal.

No quinto semestre, estudei educação somática.

No sexto semestre, cursei a disciplina Composição Coreográfica I, na qual criei o solo em dança do ventre chamado Batida do Leste, inspirada na doença Pressão Alta, porque fui diagnosticada com isso. Estudei muito sobre o sistema

cardiovascular e os efeitos da Pressão Alta em movimentos dos braços. Assim, produzi um mapa de figuras com as minhas inspirações para criar.

O trabalho foi escrito para 1ª Semana Acadêmica da Dança. No texto, detalhei meu processo de criação na disciplina de composição coreográfica I, dada pelo prof. Alex Almeida. O professor nos deixou criar a partir do gênero de dança que cada aluno aprendeu antes de entrar no curso. Ainda nesse ano, fiz a cadeira de Estética Aplicada à Dança, o que me levou a estudar o folclore nórdico dos países da Alemanha e Polônia, a partir da apresentação em um seminário de avaliação.



Apresentação na 1ª Semana Acadêmica. Fonte: arquivo pessoal.

No sétimo semestre, surgiu a oportunidade de fazer parte do projeto de pesquisa Corpografias no processo de criação artística. A coordenadora da proposta, a prof.^a. Débora Souto Allemand, nos ensinou que é possível a união da escrita de diversas metodologias de pesquisa junto a dança e performance. Essa ação estava unida ao projeto de extensão Caminho da Dança nas Ruas, também com coordenação de Allemand. Na proposta dançávamos nas ruas da cidade de Pelotas. No mesmo semestre, cursei a disciplina Metodologia e Prática da Pesquisa I, onde eram trabalhados os procedimentos do ensino da pesquisa mais utilizados em disciplinas da área das humanas, pelo fato de haver relação com a letras e arte.

No oitavo semestre, a disciplina Composição Coreográfica II exigiu muito de mim. Isso porque tive que dirigir e encontrar atores e dançarinos que interpretassem minhas ideias sobre a lenda folclórica A Mula Sem Cabeça. A coreografia relata uma personagem que sofre de transtorno mental ao encontrar um amor que a desprezou. Essa foi a ideia. Então, o ator Athila Cassuriaga e a dançarina Miriam Brockmann Guimarães fizeram uma dança linda com inspirações da dança japonesa Butoh, bem como elementos do trabalho de Rudolf Von Laban e Pina Bausch. A trilha sonora era de músicas da banda Marilyn Manson. Foi um processo de criação que gerou uma bela apresentação.

Fiz a disciplina de Folclore. Trabalhei no estágio I com crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental assuntos do mesmo tema da composição II: a mula sem cabeça. Tratei a lenda de forma lúdica, teatral e com o uso de poesia.

Na cadeira Metodologia e Prática de Pesquisa II, citei trabalhos realizados junto ao Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI), que apoiaram alunos com necessidades especiais e lhes possibilitaram ter uma vida autônoma dentro das universidades. Fiz os estágios II e III junto à Associação de Apoio a Pais de Jovens e Adultos com Deficiência. Minhas notas nessa cadeira foram 9,5 e 8,5, acabando o semestre com nota 8,5. Foi uma das vitórias mais emocionantes que vivi dentro da UFPel.

No nono semestre, cursei o componente curricular Montagem do Espetáculo I. Nesse momento, decidi conceber uma proposta sobre o Woodstock 1969. Isso porque vejo esse movimento como libertador e, também, por ter ídolos do mundo do *rock and roll*. Inspirei-me na liberdade que a cultura *hippie* possuía. Principalmente, suas ideias de viver em um mundo que prometia estar livre de todos os preconceitos.

No décimo semestre, aconteceu a apresentação do espetáculo. O fiz com tanta dedicação e carinho para disciplina Montagem do Espetáculo II. Isso aconteceu no dia 12 de julho de 2018, na sala Carmen Biasolli. Foi uma aventura. Retratamos de forma cênica e dançante a *Woodstock* no palco italiano. Tentamos apresentações na praia do Laranjal, mas por receio do clima, fizemos no Campus da Dança.

No segundo semestre de 2018, cursei a disciplina de Projeto de Pesquisa em Dança. Minha proposta de pesquisa sofreu mudanças. Ela seria sobre a dança e sua relação no tratamento psicossocial mas, por não haver durante minha

permanência no curso de dança da UFPel nenhum contato com pacientes atendidos pelo serviço da saúde mental do CPAS, foi tomada a decisão, junto ao orientador da disciplina prof. Thiago Amorim, que o tema de meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) seria sobre o Grupo Cena 11



Cena do espetáculo que dirigi. Fonte: arquivo pessoal.

1.1. Introdução ao problema de pesquisa

Tenho como problema de pesquisa a seguinte questão: como o a ideia de grotesco entra na criação do Cena 11?

Pensei e acredito que o Grupo Cena 11 busca um olhar raro à cena dentro do campo da Dança, que refere-se a ideia de que todo corpo pode dançar, desde que esteja consciente que terá de abrir mão, durante o tempo de cada espetáculo em cartaz, da ideia de beleza e de uma concepção cênica tradicional, que se traduz em roupas limpas em cena e uma postura “adequada” do corpo. Ou seja, o Cena 11 quebra com tais preceitos ao levar para o palco o grotesco. Cito como exemplo, o uso clown (técnica de atuação teatral) que permite que as angustias da vida em sociedade se mostrem de forma política, assim como, a utilização de

vídeos estranhos com registros da vida real de um dos artistas do grupo, que se joga à criação sem medo de sofrer lesões.

Decido falar sobre o grotesco para problematizar o que se diz “normal” na dança, a ideia de beleza. E o grupo Cena 11 leva para cena o contrário disso, ao colocar o artista como ele é no palco. Vejo no grupo o que é consciente das pessoas. A linguagem do grupo coloca para fora uma forma de agressão dançante a favor das pessoas que não estão no padrão exigido, na “moda”. Ou seja, gente que não faz parte do conceito da “beleza” e do perfil estético visto no balé e *jazz*, por exemplo. A dança do Cena 11 demonstra que não há estética perfeita. Nessas danças podem ser incluídas pessoas gordas, anãs, portadores de síndrome de *down*; pessoas que estejam dispostas.

Trabalho a ideia do grotesco porque nem todas as pessoas vão se adaptar ao Balé, se adaptar a postura ereta perfeita, ao cabelo sem um fio fora do lugar. Então, talvez, a pessoa vai se adaptar mais ao grupo Cena 11 pelo sentido de liberdade dos movimentos.

Portanto, a ideia de grotesco me agrada, porque lembra os grupos de *rock and roll* e essa cultura, juntamente com o *punk*, inspiraram o grupo Cena 11. Sou fã dessas culturas.

Para ver o grotesco nas cenas do espetáculo, tive como etapas metodológicas o levantamento de textos sobre o grupo e a ideia de grotesco (revistas, artigos de periódicos e livros). Em seguida, fiz leituras com fichamentos dos temas grotesco e do Grupo Cena 11. Analisei os vídeos do espetáculo *Violência*, criação do grupo catarinense. E por fim, fiz conexões entre a obra artística e as concepções sobre o grotesco dos textos, juntamente com as ideias que me vieram do tema.

2. Breve histórico do grupo Cena 11

Ao ler a Abrão (2007, p. 19) vi que Alejandro Ahmed criou o grupo Cena 11¹ no ano de 1986 na cidade de Florianópolis. A audição a procura dos

¹Coreógrafo residente, diretor artístico e bailarino do Grupo Cena 11 Cia. de Dança. Seu trabalho como coreógrafo surgiu de forma autodidata, respondendo à necessidade que possuía de integrar a maneira como pensava o mundo e a dança que experimentava. Junto ao Cena 11, promoveu o desenvolvimento de uma técnica que objetiva produzir uma dança em função do

dançarinos do grupo aconteceu no dia 23 de janeiro de desse ano e foi organizada por Rosângela Mattos, dona da academia que abrigou o grupo Cena 11 nos primeiros anos de trabalho (ABRÃO, 2007, p. 20).

Abrão (2007, p. 21) ainda diz que participar do Festival de Dança de Joinville em 1988 foi o caminho que o Grupo Cena 11 encontrou para ser reconhecido no mundo da dança. Muitas companhias de dança fazem das competições e apresentações especiais em festivais o único meio da aceitação e de receber patrocínios para novas montagens. O grupo Cena 11 utilizou-se da apresentação no festival de dança, pois o custo para manter um espetáculo por muitos anos em cartaz era alto. Assim, competições faziam com que o grupo tivesse dinheiro para novos trabalhos.

A companhia, em seus 25 anos, realizou 16 espetáculos². E olharei uma das criações para ver o que há de grotesco nela.

3. O grotesco nas artes a partir do estudo do conceito e sua reverberação nas coreografias do Cena 11

Eu acredito que o grotesco tem ligação com a extravagância e com elementos cômicos porque é uma reflexão do que está acontecendo na nossa sociedade. O deboche que as pessoas têm umas com as outras.

Como sinônimo de algo bizarro, ridículo, excêntrico e cômico, o grotesco permeia o imaginário cotidiano e diversas manifestações artísticas na contemporaneidade que remetem, no entanto, a períodos mais distantes, como o Medievo (PRETY, BOAVENTURA, VAZ, 2014, p. 3).

A autora brasileira Fernanda Lima (2016, p. 3) diz que a ideia de grotesco surgiu na Idade Média. E falava de coisas fora da realidade, coisas surreais, como imaginação, mistérios, um lado mais sombrio. Ser grotesco era não ser político. Aí, durante muito tempo na cultura geral, e na arte, o grotesco foi tirado

corpo. Um corpo capaz de processar melhor as idéias contidas na movimentação. Esta técnica foi nomeada de “percepção física” e é um dos pontos que estrutura o trabalho de Alejandro Ahmed. Seu olhar sempre esteve voltado para os limites do corpo e as possibilidades que este propõe para a transformação do corpo do outro, sendo este “outro” um espectador e/ou um cúmplice da ação a que o corpo é submetido. **Texto extraído do site da Universidade de São Paulo.** Disponível em <http://www2.eca.usp.br/hibrida/index.php/equipe/alejandro-ahmed/>.

² Lista dos espetáculos disponível em: <https://www.cena11.com.br/>

de lado, pois havia a questão do culto ao belo. Na dança do Rei Sol (Luís XVI), predominava toda aquela vaidade dele, onde uma pessoa tinha que estar bem aparentada, sendo obrigada a estar indo de acordo com a educação do lugar. A dança na sua principal forma, na época o balé, tentou durante muito tempo mostrar só o limpo.

A sociedade também agia, assim, porque, as pessoas “diferentes” (grotescas) da época eram torturadas mesmo ou eram escondidas. As pessoas doentes eram uma coisa feia para cidade, mostravam loucura, porque os outros tinham medo do estranho, do grotesco. Todos se assustavam. E o medo era uma sensação e forma de defesa. Lima (2016) fala que se tu afastares do que tu não conheces, tu vais ficar protegida, e a igreja usou isso, banindo o que era diferente, grotesco.

A partir disso, pretendo explicitar o que considero ser grotesco na criação em dança. Propus um estudo do Cena 11 porque ele abarca diferenças, trabalha com corpos “estranhos” dentro da cena, quebrando o belo por meio de uma desconstrução, pois mostra o que é “feio” por meio da sua dança.

O grupo cena 11 mostra certo deboche cômico quando usa na cena coisas que podem fazer a gente rir, como, por exemplo, a doença de algum bailarino, ou o uso de uma bailarina gorda, que o público pode entender como grotesco. Vejo o cômico no grupo algo para mostrar violência nas relações das pessoas umas com as outras, falando em violência, irei escrever sobre o espetáculo.

Ao ler Abrão (2007), penso que o espetáculo *Violência* do Grupo Cena 11 fala sobre o tratamento dado as mulheres, crianças e homens, que estão em caos sem limites, precisando de interferência médica e da justiça.

Dentre as inúmeras possibilidades de violência, o grupo parece ter se debruçado sobre a idéia de manipulação dos corpos dos deficientes, das crianças e dos palhaços, que, por suas características, são mais sujeitos à violência (ABRÃO, 2007, p. 45).

3.2. O grotesco no espetáculo

Escolho o espetáculo *Violência* (2000), dirigido por Alejandro Ahmed, para olhar. O espetáculo em toda a apresentação provoca o público a fazer uma série de perguntas em relação as ações grotescas que são retratadas parecem uma violência explicita no palco. Tenho como exemplo a cena que o dançarino parece

sentir a angustia do personagem, que leio como reações de comportamentos sexy, infantis e ameaçadores.

Nas cenas de *Violência*, vejo o imperfeito do mundo grotesco, da subcultura *skinheads* e a cultura *punk* pelas roupas do elenco. O figurino do grupo “demostra” a proposta de uma cia. de dança que confronta, através da dança, a ideologia estética que vigora. Vejo isso nos figurinos, nos cabelos moicanos coloridos e em outros raspados, porque “O movimento punk pode ser considerado base para a estética do grupo, e a polêmica encontra-se nos espetáculos e ações do Cena (ABRÃO, 2007, p. 20).



Fonte: acervo do grupo Cena 11.

O tom vermelho usado nos espelhos e no chão como cenário pode ser relacionado a sangue, que entendo como uma pessoa em seus pesadelos, que torna a cena muito grotesca e brutal. Acredito que as pessoas saem desconfortáveis do local que viram a apresentação.

O gesto de dança grotesca que mais vejo ao olhar o espetáculo é a brutalidade dos movimentos em relação as quedas, que vejo como violências

domésticas ou de relações abusivas entre as pessoas. Como na cena do homem na perna de pau.



Fonte: acervo do grupo Cena 11.

Durante a cena, os dançarinos com passos de dança infantis para corpos dançantes adultos e a mutação do personagem de perna de pau, que eleva o poder de autoridade ou de cuidador da família que os dançarinos interpretam. O personagem que citei ser um cuidador ou até mesmo alguém ligado à justiça, que lida e carrega as dançarinas, está com um pé descalço e o outro com um tênis. Isso me causou a sensação de personagem cuidador ou uma autoridade pelo modo como o casal principal volta a viver uma vida de união, que é violenta durante todo o espetáculo. Leio as relações violentas como grotescas porque são diferentes do modo que somos educados para estar em casa.

A figura da mulher nesse espetáculo é tratada com violência. O grotesco aí mostra a submissão feminina, que não saberia que poderia por direito se afastar do personagem agressivo masculino. Com isso, a coreografia expõe como um ato de reconciliação pode se tornar violenta, como vejo nos relatos de mulheres que sofreram violência doméstica na televisão e jornais.



Fonte: acervo do grupo Cena 11.

A partir do que eu entendi, o uso do grotesco na cena pode ser um ato de desorganizar as opiniões de belo e perfeição. Vi isso no Grupo de Dança Cena 11, seguindo de palavras do pesquisador Borges (2002, p. 50)

Queremos nesta comunicação retroceder um pouco aquém dos escritos kantianos sobre o gênio e os juízos estéticos, seguindo através da noção do gosto, para garimpar as alusões ao mau-gosto, ou, variando a tópica, escavar abaixo do sublime e do belo, para reencontrar o grotesco, mesmo que isso aconteça fora da filosofia kantiana. A inversão do vetor da agenda transcendental kantiana, que se dirigia à abstração e à justificação, não pretende uma retomada material da classificação de coisas belas e feias; o quadro categorial kantiano visava a crítica e aqui cabe-nos ainda questionar a capacidade crítica do grotesco, sob as ressalvas de que, dois séculos depois, a filosofia dispõe de outros conceitos de crítica e que complicou-se desde então nossa relação com o gosto, submetidos que estamos cada vez mais à mercadoria, ao domínio do mau gosto e à banalização da experiência.

A experiência que o grotesco causa é um incômodo a quem conhece pouco sobre o tema de forte impacto visual e cinestésico, como a queda, que é usada no espetáculo. A queda está em sintonia com a dança grotesca do Grupo Cena 11, e também, no visual pesado da criação (luz, figurino, músicas e na

maquiagem) faz jus a ideia do grotesco ser considerado atitudes de riscos em composição coreográfica.

A forma da figura humana dada pelo Grupo Cena 11 reproduz a parte física, dentro ou fora da encenação, como define Paula Soares no blog de crítica artística medium.com:

A forma “grotesco” ao qual nos referimos a algo geralmente, compõe o contexto do conceito do mesmo, que pode ser algo, relativamente, fora do padrão associado a o ser humano, algo deformado ou fora do comum, sendo desta forma considerado numa escala de intensidade, do estanho/anormal, ao ridículo ou horrendo, assimilando ao grotesco (SOARES , 2018, s/p).

Somos grotescos ao falar e escrever. É permitido que se dance o grotesco para que gere no público, que não costuma ter a arte como campo de trabalho ou lazer, um desconforto. Muitos que “representam a moral e família” vão renegar que a dança seja vista como desabafo para as dores que nos prendem a um mundo caótico e *Violência* de Grupo Cena 11 coloca na ativa a forma que cada um interpreta a escrita alheia através da dança.

Ao olhar as cenas do espetáculo, percebo que os bailarinos, sujeitos que mesmo com muita pesquisa sobre anatomia e fisiologia humana e leis da física, estão de acordo e conscientes dos riscos na cena e a executam sem medo, formam a ideia da violência como elemento grotesco. Os atos violentos são os movimentos de queda e recuperação.



Fonte: acervo do grupo Cena 11.

O tema da queda retrata o caos na vida em todos os sentidos, caos que uma pessoa suporta. Então, esse espectador crítico é provocado a compreender durante a cena se o dançarino demonstra que precisamos expor a razão da vida contemporânea no grotesco e na arte.

Para o fim, penso que o grupo Cena 11 traduz o grotesco para a cena como discurso político, jogando na cara do espectador o que a sociedade tenta esconder.

Referências

ABRÃO, Elisa. **O “corpo “in’perfeito”**: o cena 11 e as relações entre arte, ciência e tecnologia. Florianópolis. Dissertação (Mestrado em Educação Física, UFSC, 2007.

BOAVENTURA, Patrícia. PETRY, Michele. VAZ, Alexandre. **O grotesco em expressões estéticas contemporâneas**. Rio de Janeiro. Revista Contemporânea, n.23, v.1, 2014.

BORGES, Itamar Bento. **O (mau) gosto e o grotesco**. Instituto de psicologia. UFRGS. Ano 1, Número 1, 2002.

LIMA, Fernanda. Do Grotesco: Etimologia E Conceituação Estética. Rio de Janeiro. Revista **InterteXto**, n. 1 (2016).

SÃO PAULO, Universidade de. Site da Escola de Comunicação e Arte- ECA-USP. **Currículo de Alejandro Ahmed**. Disponível em <http://www2.eca.usp.br/hibrida/index.php/equipe/alejandro-ahmed/> . <Acesso em 06 de dezembro de 2019>.

SOARES, Paula. **A beleza do grotesco**. Cidade: editora, 2018